

TRIBUNA Livre

2
JULHO
1960

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Celebrações Henriquinas

Do Finisterra ao Sacro Promontório

Como do alto das serras desce, engrossando em caudal a torrente dos rios que alimentam os mares, que englobam e abraçam os continentes, percorrendo uniformemente os seus litorais, prodigalizando-lhes a amenidade das estações e dos climas propícios à vida, assim a massa humana se desprendeu das alturas onde teve o seu berço nas remotíssimas eras; depois alastrou pelos vales e planícies, referveu muitas vezes no mar revolto das pelegas e das batalhas; finalmente escoou-se pelas barras e embocaduras dos estuários, Suigrou ao longo das costas, povoou novas terras mui distantes, perdeu a noção do seu ponto de partida — a odisseia da água e a odisseia da humanidade... Fracções dela viveram longos séculos de isolamento e desorientação, espalhadas pela face da Terra aonde a Natureza — Mãe as levou; sem contacto nem comunicação, como as águas estagnadas dos peque-

nos mares interiores; outras pior ainda, como os charcos e as lagoas palustres das regiões infecciosas das terras bárbaras e selvagens.

Valer a isto; levar a todos os pontos da Terra a mensagem da paz e da Civilização cristã; entrar em comunicação com todas as gentes, estender-lhes os braços fraternais num amplexo que cingisse em perfeita unidade universal todos os povos, conhecidos e desconhecidos, trazendo-os ao convívio social e comercial que nobilita as razões da existência humana, natural e sobrenaturalmente considerada, foi o empreendimento excepcionalmente grandioso do Infante Navegador.

Nos breves termos da sua petição formulada ao Papa Nicolau V, são bem explícitos nestes sentido os propósitos do Infante. A sua realização atinge um grau de geral interesse humanitário e universalidade que raramente algum

ser humano jamais poderá alcançar. Todo o mundo há-de reconhecê-lo cada vez melhor.

* * *

Depois de uma constante luta de tantos séculos que a África perturbou a Europa, para lá e para cá das guerras púnicas, que teve o seu desfecho tão cruento e debatido nas guerras da Espanha, entre Cristãos e infiéis, o despregar desse fundo falso que era o dos areais do Deserto no vastíssimo

Continua na 4.ª página

«Folclore» e Regionalismo

Entrámos no verão. Entrar no verão significava, antigamente, o início de um longo ciclo de festejos e romarias populares, que começava com a ceifa das primeiras searas e acabava com o lavar dos últimos cestos da vindima. Eram três ou quatro meses em que a alma de cada Província se acendia rubra de entusiasmo e vigor e crepitava nas feiras, nas desfolhadas, nos arraiais, nas fainas do campo ou nas festas de aldeia, ruidosa e violenta, mas pura na sua rudeza, saudável no seu primitivismo. Eram três ou quatro meses em que o povo cantava os seus cantares, ao som das violas, dos adufes, dos ferrinhos, das zabumbas,

das gaitas de foles e das gaitas de beijos ou, quando muito, da zoadá plangente do harmónio, mais conhecido por «piano das cavaliças»; eram três ou quatro meses em que se dançava o «vira», o «fandango», ou o «puladinho», as lentas, chancudas danças de Trás-os-Montes ou da Beira-Serra ou os endiabrados bailados das moças algarvias; eram três ou quatro meses em que os mais típicos e mais ricos trajos regionais saíam das arcas do bragal não para serem mostrados num palco da cidade, cheirando ainda a natalina, mas em cumprimento de um rito secular, tal como as noivas se vestem de branco para casar, tal como de negro são vestidos os defuntos, quando vão a sepultar. Tudo isto decorria em aldeias muito simples, muito pobres, onde quase ninguém sabia ler, mas onde toda a gente tinha uma noção exacta da vida e dos direitos e deveres que a vida comporta, e onde se fazia, naturalmente, a selecção dos melhores — dos melhores que podiam chegar a sentar-se no trono dos Bispos ou nas cadeiras do Governo, mas que jamais se desprendiam da pequena patria que fora a sua terra natal; a pequena pátria tinha uma capital, que era a sede do concelho ou a capital do distrito ou da Província; essa capital, modesta, atrazada, dominada pelas muralhas do velho castelo, e sobressaltada duas vezes ao dia

A verdade acerca da viagem de Cabral ao Brasil.

CAPÍTULO I

Por Manuel J. C. Alves Peixoto

Dentre as várias e problemáticas dúvidas que envolvem toda a História Lusitana, cabe-me falar sobre a descoberta da Terra de Santa Cruz.

Em tais circunstâncias, é meu dever acolher-me à sábia protecção dos eruditos, sob a ameaça de profanar as realidades históricas.

É esta, uma das mais discutidas epopeias das muitas que enriquecem e enobrecem os pergaminhos desta «ocidental praia Lusitana».

Eis a questão:

Teria sido a nau de Cabral levada por terrível tormenta? Teria sido intencional a sua viagem às terras ocidentais da América?

São estas perguntas, que à primeira vista nos parecem banais, que atormentaram, atormentam e atormentarão o

espírito dos estudiosos, navegantes de um mar revolto, de dúvida, de esperança, de desilusão.

Peró Vaz de Caminha, historiador talentoso, cuja vida foi das mais preciosas à ciência histórica, repudia a existência de qualquer temporal capaz de pôr o navio à deriva, e considera a navegação

Continua na 5.ª página

Continua na 4.ª página

O Cávado seco, a lavoura sem regas, o assalto aos peixes indefesos.

As terras ribeirinhas do Cávado conheceram esta semana momentos de justa indignação a que urge por cobro para evitar piores males e verdadeiro espírito de revolta.

A albufeira de Caniçada foi completamente fechada e como não funcionavam as turbinas geradoras não deu saída a uma gota de água. As nascentes das margens estão esgotadas devido à seca e às regas e, assim, o Cávado chegou ao ponto de secar. A tal ponto que os proprietários marginais que têm os seus motores a abastecerem-se do rio não puderam regar sofrendo prejuízos irreparáveis.

Entretanto os rios foram assaltados por indivíduos que nos poucos charcos formados nos poços caçaram peixes aos cestos quase os eliminando de enormes zonas.

As reclamações enviadas para a central de Caniçada a resposta surgiu seca, irónica, revoltante. A ordem era

de Lisboa e tinha de manter-se. No entanto, se não viesse ordem em contrário nos próximos dois dias a barragem atingiria o máximo e esbordaria. Lindo, perante o pasmo e o protesto, numa quadra de seca, quando a vegetação pede água e numa semana se pode perder tudo, a albufeira enche-se como por capricho até esbordar e neste momento, talvez já esborde até sem ser aproveitada pelas turbinas.

Isto não deve nem pode repetir-se. A HICA não comprou as propriedades marginais até ao mar, não tem sobre elas direitos e tem de respeitar o dos outros ou o Governo tem de intervir para evitar o estado de revolta a que ninguém poderá fugir com procedimentos deste género.

Com um pequeno caudal tudo se teria remediado e nem sequer se despovoaria o rio de peixes, mal irreparável por longos anos. A quem de direito, mas que use do direito.

Electrificação

A Câmara acordou com o snr. Engenheiro Fritz o levantamento do projecto de electrificação das freguesias de Dornelas, Goães, Santa Marta e Santa Maria de Bouro, que terá de ser entregue até 31 de Agosto próximo.

Pronto ele será pedida a participação e um empréstimo, pedido para o qual a Câmara se deslocará a Lisboa.

Récita escolar de homenagem ao Infante D. Henrique

No passado dia dez, dia da Raça, promoveram os professores das escolas de Ferreiros, desta Vila, Srs. Jorge António Gonçalves, D. Ilda Santos e D. Vania Giesteira Lima, uma récita de homenagem ao Infante D. Henrique.

Para o efeito encheu-se completamente o vasto salão dos Bombeiros Voluntários e compareceram as autoridades concelhias e demais pessoas grades numa manifestação de apreço e de carinho para com a iniciativa e mormente para com os ilustres professores que no nosso meio gozam de bem justa admiração pela ma-

neira dedicada e competente como desempenham o seu alto magistério.

Estavam presentes, entre outros, os srs. dr. Eduardo Gonçalves, presidente do Município; dr. Manuel Arantes Rodrigues, Juiz do Julgado; Arcipreste Padre Albino José Fernandes Alves; Paulo Macedo, presidente da A. dos B. Voluntários; Arnaldo da Silva Tomé, tesoureiro do F. C. de Amares, presidente da Casa do Povo, Junta de Freguesia, etc.

Falou, sobre a vida e a obra do Infante o sr. profes-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

Como combater o Burgo

NOS NOSSOS MONTADOS

Todos nós sabemos por experiência própria que o pó é por assim dizer capaz de chegar a toda a parte. Uma poeira constituída por finíssimas partículas, mantendo-se em suspensão no ar, consegue penetrar através dos mais pequenos orifícios e introduzir-se em lugares que nós supúnhamos ao abrigo do pó.

Um exemplo típico deste fenómeno temos nós presente quando no verão, num automóvel que julgamos herméticamente fechado, rolamos por uma estrada poeirenta com tempo seco. A breve trecho, o ar dentro do automóvel torna-se irrespirável, sentimo-nos sufocar com o pó existente no seu interior não obstante todas as portas e janelas estarem fechadas. Isto é, o pó proveniente do exterior conseguiu introduzir-se através de espaços intersticiais que nos passavam despercebidos.

Admitamos por um momento que o mesmo automóvel é em seguida submetido a outra prova. No seu trajecto desaba sobre ele uma chuva torrencial, grandes bâtegas fustigam-no de todos os lados impelidas por um vento ciclónico.

Passada a tormenta, não constitui para nós novidade o facto de não ter a água conseguido penetrar no interior do carro, ainda que fosse numa quantidade ínfima.

A explicação do fenómeno é simples, pois no caso da chuva, as gotas, ou mesmo as gotinhas em que aquelas se desdobram, por acção mecânica de encontro ao veículo, nunca atingem um diâmetro que as diminutas partículas do pó apresentam.

Do aproveitamento das vantagens que o pó apresenta, sob o ponto de vista das suas características, resultou assim a sua aplicação e prática na terapêutica agrícola e florestal. Um aparelho, que se denomina polvilhador, lança na atmosfera uma nuvem de pó insecticida que cobrindo o arvoredado, introduzindo-se nas folhas e raminhos, e impregnando tudo, irá igualmente contactar com os insectos que pretendemos exterminar.

A aplicação deste método no combate ao «burgo», tal como é usada pelos Serviços Florestais pode fazer-se por meio de polvilhadores mecânicos do tipo «padiola», por polvilhadores mecânicos do tipo «Blower», por avião e helicóptero.

Para que um tratamento resulte eficaz torna-se necessário o maior cuidado no em-

prego deste método. A sua aplicação, como veremos num próximo artigo, deverá realizar-se só com condições de tempo muito especiais.

Entre as vantagens anotadas a favor deste método indicam-se as seguintes:

O tratamento com pó pode efectuar-se mais cedo, logo a seguir à eclosão larvar, uma vez que sendo as partículas extremamente finas atingem mais facilmente as lagartas nos seus abrigos; outra vantagem é o fácil transporte do insecticida em si, na zona de operações.

A quantidade de insecticida a empregar por unidade de superfície está naturalmente dependente da sua concentração; a prática indica-nos

que, para uma perfeita distribuição, o volume mais aconselhável por hectare não deverá ser inferior a dez quilogramas.

Outros requisitos muito importantes a considerar num insecticida em pó além da sua finura, são o seu peso específico e o grau de humidade.

O peso específico deverá estar compreendido entre 0,500 e 0,600 Kg. por litro, e a humidade não deverá ultrapassar 1.º de modo a que o pó possa permanecer em suspensão no ar, e, em contacto com as árvores, o mais demoradamente possível.

Outros métodos podem ser utilizados com êxito no combate à praga, merecendo-nos referência a atomização, nebulização e pulverização.

Agenda do Lavrador

Nos Campos

Proceder à colheita da batata, à ceifa dos cereais de praga, e à debulha destes últimos. Desinfectar os celeiros para evitar o gorgulho e a traça que todos os anos costumam causar grandes prejuízos. Principiar os alqueives ou lavras de preparação, sobretudo nas terras fortes; decruar as terras infestadas por ervas daninhas e limpá-las depois com as grades de molas. Prosseguir as regas, molas e sachas do milho, que no norte ainda se pode semear nos restolhos dos trigos e centeios, se for possível o subsídio da irrigação. Colher, ripar e curtir linhos maduros.

Nos Pomares

Além de leve desfolha em volta dos frutos das fruteiras, para que recebem directamente a luz do sol, é necessário regar os arvoredos para sustentarem a fruta. Aliviar de frutos as árvores que pareçam muito carregadas, arrancar delas os rebentos que ainda apareçam. Ir colhendo a fruta madura.

Nas Vinhas

Continuar os tratamentos contra o míldio e o oídio, por meio de caldas cúpricas e enxofre. Se o oídio resistir, em vez do enxofre recorrer às caldas de permanganato de potássio, podendo servir a seguinte fórmula: 5 quilos de cal em pedra com a suficiente água, a qual depois se aumenta até perfazer 90 quilos; e à parte, em 10 litros de água, dissolver 150 gr. de perman-

ganato de potássio. Juntar os dois líquidos, mexendo bem a mistura, e aplicar com o pulverizador. Proceder à limpeza do ervaçal, por meio de sachas. Cortar folhas às parreiras, quando necessário, não só para facilitar os tratamentos, que não de incidir especialmente sobre o cacho, como ainda para facilitar e apressar o amaduramento. Nos sítios quentes, pelo contrário, cobrir a uva para que o sol não a queime.

Nas Hortas

As regas, exigidas pelo calor excessivo do mês, representam o trabalho que mais se impõe ao lavrador. Sachar e mondar. Defender do calor as plantações novas. Semear alcegas, agriões, alfaces, mostarda, beldroegas, cenouras, chicórias para salada, couves várias, feijões, mostarda, nabos serôdios, rabanetes temporãos, repolho e salsa.

Nos Jardins

Proceder ainda à sementeira de ásteres, begónias sempre-em-flor, calceolárias, cinerárias, espargos, gipsófilas, goivos e miosótis. Renovar a plantação das plantas anuais criadas em alfobre. Limpar as roseiras das flores murchas. Regar com abundância. Desde meados do mês enterrar as cebolas dos jacintos e das tulipas e enxertar os crisântemos.

Nas Adegas

Provar e examinar os vinhos envasilhados, a fim de verificar se há qualquer alteração; e aos suspeitos, que não

Campanha «Piloto» Contra

A MOSCA da AZEITONA

Os prejuízos causados à economia nacional pelos ataques da mosca da azeitona atingem, segundo se calcula, uma cifra não inferior a 100.000 contos anuais.

Os serviços agrícolas oficiais têm plena consciência da importância desse problema e por isso procuram, há largos anos já, dar-lhe solução adequada.

Os últimos progressos registados no sector da indústria de insecticidas e um melhor conhecimento da biologia do parasita e da sua importância nas diversas áreas olivícolas do País permitem augurar para breve uma acentuada generalização das práticas de defesa.

Com as disponibilidades

convém trasfegar com o calor do Verão, adicionar por hectolitros 50 gr. de ácido tartárico e 10 gr. de metabissulfato de potássio.

No Galinheiro

É ocasião de soltar as galinhas para os restolhos, onde elas aproveitam sem despesa de maior. Nos restolhos vão elas aproveitar os bagos de cereais soltos das espigas, as sementes de plantas rasteiras e os insectos que nelas existem. Basta por isso dar-lhes água límpida no seu regresso ao galinheiro.

que o II Plano de Fomento Nacional permitiu, a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, através da Repartição de Serviços Fitopatológicos e do Serviço de Entomologia da Estação Agronómica Nacional, intensificou a sua actividade nesse sector.

Os métodos que presentemente estão a ser ensaiados são o método preventivo dos iscos e o método curativo, usado este especialmente na defesa de azeitona para azeite.

O método dos iscos está em curso em zonas de olival das regiões de Alpedriña, Elvas e Moura. No total foram abrangidas cerca de 100.000 árvores, na sua maioria pertencentes a variedades próprias para conserva.

Com o método curativo foram tratadas nas regiões de Alcobaca e de Santarém cerca de 16.000 árvores.

Os trabalhos empreendidos destinam-se a avaliar a eficiência dos vários métodos, a determinar os tipos de máquinas mais adequadas aos tratamentos, segundo os casos, e finalmente a esclarecer alguns pontos ainda mal conhecidos.

Visado pela Censura



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 Braga

BELOJÓRIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

Já não é um acontecimento fazer-se um lato com 2,25 de fazenda, mas sim uma realidade que se confirma dia a dia. E se V. Ex. é dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE
José Eduardo Macedo Gonçalves

Alfaiate diplomado em obra de

Senhora, homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem.

N.B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amares

TRIBUNA do CONCELHO

A Electrificação de Bouro

Infeliz, por toda a parte considerada infeliz, a notícia a que aqui fizemos referência e em que de má fé retinca se invertiam os factos e se deturpava a acção dos homens.

A resposta dada por um nosso colaborador veio a tempo e nos precisos termos e deu origem a que até entre os apaniguados se considerassem as referências ao Município como muito infelizes.

Aproveitamos para transcrever o que sobre o assunto dizia «O Comércio do Porto» em correspondência do nosso concelho:

«A Electrificação das freguesias — Não obstante a depreciação e deformação que se está a querer causar aos factos passados no caso da

electrificação das freguesias da parte superior do concelho, a Câmara manter-se-á absolutamente indiferente às estultas afirmações e trabalhará sem desfalecimento até à execução de um melhoramento que já devia estar feito e para isso houve boas oportunidades, que não foram aproveitadas como deviam. O mal de todos os tempos para o progresso de uma terra é a política da má-fé.

Ninguém absolutamente ninguém, quanto a este caso, tem autoridade para fazer reparos ao modo como a Câmara está a proceder. O que se fez está dentro das normas adoptadas desde que se iniciou a electrificação do concelho».

A Electrificação da Freguesia de Santa Marta

O Snr. João Manuel Fernandes, natural desta freguesia, ausente na Venezuela subscreveu-se com a importância de 1.000\$00 para que a sua freguesia seja electrificada o mais breve possível.

Aconselha este grande bairrista pela sua terra, que a Junta de freguesia, escrevesse uma carta a cada um dos ausentes, para que todos concorram com a sua oferta, e que se todos soubessem compreender o grande benefício que pode trazer a energia eléctrica por certo ninguém deixaria de prestar o seu auxílio.

Oxalá que a atitude deste grande bairrista, sirva de exemplo, tanto para todos os ausentes que se encontram fora da terra ou da Pátria, como para aqueles que na mesma vivem, e que nunca tiveram a necessidade de se ausentar, razão porque melhor poderão concorrer com tal auxílio.

Estamos certos que se a Ex.ma Junta de freguesia, e o digníssimo Pároco, tomar em atenção a opinião deste grande bairrista, Santa Marta não ficará de braços cruzados para com a sugestão que a Ex.ma Câmara há tempos apresentou quanto a brevidade em electrificar as freguesias da parte nascente do concelho.

C.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Casas do Povo

«Acaba de ser posta à venda uma publicação que, sob o título «CASAS DO POVO» engloba toda a legislação pertinente a estes organismos, bem como súmula dos principais despachos normativos exarados, regulamentos, modelos de escrita e contabilidade, com notas explicativas para a sua utilização, assim como todos os modelos facultativos e obrigatórios, desde os modelos de Estatutos aos dos contratos com os médicos e outros empregados.

Com esta edição fica satisfeita a necessidade, há muito assinalada por escriturários e dirigentes e até pelos próprios associados, de compilar tudo quanto interessa às Casas do Povo.

O livro, que se compõe de cerca de 500 páginas pode ser requisitado em simples postal dirigido a Maria Eugénia Torres Pereira, Rua Martins Ferrão 34-5.º Esq. Lisboa-1».

Aproveitando a oportunidade apresentamos a V. Ex.ª os nossos melhores cumprimentos, considerando-nos desde já muito agradecidos pela boa atenção que esta notícia possa merecer.

Os Autores

Maria Eugénia Torres Pereira
Carlos Alberto Dominguez Calado.

Notícias Militares

Extinto Centro de Mobilização de Administração Militar n.º 1
Transferência de Pessoal

São avisados os oficiais e sargentos milicianos e as praças das classes de 1941 a 1951, pertencentes ao extinto Centro de Mobilização de Administração Militar n.º 1, residentes em todas as freguesias deste Concelho, que tiveram passagem ao Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 8, para onde devem dirigir as suas futuras pretensões.

Novo Funcionário

Acaba de ser nomeado para contínuo da Câmara Municipal da Vila de Famalicão, o nosso particular amigo e colega de trabalho, Snr. João Baptista Pereira Janela, terra onde desde a época de futebol de 1959-1960 representou como defesa central.

Que seja feliz no novo lugar e que consiga tudo o que pretende são os votos dos seus amigos.

Um colega

A Virgem da Galileia

Era uma vez uma Virgem em Nazaré, branca aldeia, que tinha um noivo de origem dos velhos reis de Judeia.

A porta do seu casal crescia a flor do espinheiro, como um emblema primeiro do diadema real.

De rastos, seus pés beijavam as plantas, como as rainhas No seu telhado adejavam as asas das andorinhas.

Consolar a alheia mágoa ninguém sabia tão bem! Era mais pura que água da cisterna de Belém.

Havia anseios contidos como vozes de quem roga, quando ia, de olhos descidos, ao sábado, à sinagoga!

Vinham as pombas em bando sobre as suas mãos pousar, quando fiava cantando, sentada à porta do lar.

Dizia a branca açucena para a flor do rosmaninho: — Que casta Virgem morena, toda vestida de linho!

O mar, que se ri da sonda, dizia com tom estranho: — Quem me dera uma só onda do teu cabelo castanho!

— Licença para me portar mal durante duas horas.

Conversando

— Encontrei este lindo anel na rua

— Se o encontraste e és honesto, debes deitar um anúncio ao jornal a fim de saber quem o perdeu!...

— Tens razão... dis-me: qual é o jornal que menos se vende?

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

HUMORISMO

De vez em Quando

— Não sei o que tem o meu relógio. Parece-me que preciso de mandá-lo limpar.

— Não é preciso papá: disse o Luís de 8 anos, eu e a mana estivemos ainda agora a lavá-lo no tanque do jardim.

Menino Traquina

Tonito: — Mamã, disseste que se eu me portasse bem durante meia hora, me davas o que eu quisesse...

— Está bem, então diz o que queres?

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

«Folclore» e Regionalismo

(Continuação da 1.ª página)

pela passagem do comboio, tinha, pelo menos, personalidade—era o espelho da região, era a síntese equilibrada de todos os defeitos e de todas as qualidades locais. Grande ou pequena vila (raras são no Portugal Metropolitano as cidades que merecem, de facto, tal nome) a cidade de Província era a necessária ponte de passagem entre o campo e a urbe—a urbe de Lisboa ou do Porto—mas, para o ser, não renunciava à sua personalidade, guardava zelosamente as tradições de que era depositária não admitia sem excepção as amostras que de Lisboa lhe chegavam, na embalagem das modas.

Creio que todo este sistema de vivência cultural e social do País, que tem por base a tradição, corre sério risco de se perder. Nunca se falou tanto como hoje da defesa dos valores tradicionais do País; nunca como hoje se fizeram transitar com tamanha frequência, aquém e além fronteiras, os chamados «ranchos folclóricos». Mas enquanto Lisboa, no Parque da Estrela, aplaude os ranchos folclóricos que a visitam, Sobral do Campo, linda aldeia no coração da Beira Baixa, terra em que é mais puro o lusitanismo do «folclore» português, deixa desertas as fogueiras da noite de S. João para encher, embasbacada o pequeno «café» local, onde existe um aparelho de televisão. Na noite de São João, em Sobral do Campo, onde não chegam os jornais, onde as ruas não têm outra luz que não seja a da lua ou das estrelas, onde a gente e os costumes são iguais aos das gerações há muito passadas, não se ouviu uma só melodia popular, não se escutou outra coisa que não fossem ritmos estrangeiros, despejados em catadupas pelo aparelho televisor sob a cabeça e o espírito da assistência atordoada e emparvecida.

É possível que em tais condições a tradição consiga sobreviver? É possível que em tais condições o povo das nossas aldeias—onde ainda se vai buscar água à fonte, onde ainda os despejos se deitam para a rua, onde ainda a luz é a do petróleo—possa manter-se fiel a si próprio e caminhar seguramente ao encontro da sua promoção social, sem correr o risco de se tornar o produto de uma civilização artificial, como se tratasse de um país improvisado?

É difícil. Nas romarias estívais que ora começam, cada vez haverá menos violas, menos adufes, menos harmónios; cada vez haverá mais «conjuntos musicais», com a inevitável «bateria», com o inevitável e roufenho microfone; as moças e os moços que mais vão brilhar não serão os que melhor envergarem o co-

letinho de veludo negro, ou a jaqueta de pano castanho, ou a saia de roda, ou a cinta escarlate; serão—não tenhamos dúvidas—os que melhor imitarem o figurino de Lisboa, como Lisboa imita o figurino de Nova York, de Paris ou de Roma.

É difícil. Nos projectos de urbanização previstos para os próximos anos nas cidades de Província, os arquitectos continuarão a ignorar, desdenhosamente, as tradições locais e a implantar, por toda a parte, na igreja, no tribunal, na escola, no liceu, na Caixa Geral dos Depósitos, nos correios, o mesmo padrão igualitário e despersonalizador.

É difícil, assim, salvar o regionalismo, que é o mais seguro esteio da tradição. E é difícil salvá-lo na medida em que ele se torna ridículo, guardando só a casca dos seus defeitos e deitando fora a pólpa das suas virtudes. Para salvar o regionalismo há que salvá-lo nas origens. Não em Lisboa, mas em Sobral do Campo e nas centenas e centenas de aldeias que à semelhança de Sobral do Campo, começam a ter, como único «folclore», a «Ponte do Rio Kway»—ou o «Lápis do Lopes».

Récita escolar de homenagem ao Infante D. Henrique

(Continuação da 1.ª página)

sor Jorge António Gonçalves que no fim foi calorosamente aclamado e elogiado pelo seu trabalho. Da récita faziam parte os mais variados números que o público numeroso e selecto seguiu com o maior interesse não regatando aplausos às crianças que se houveram com o maior agrado.

No final toda a assistência pediu a vinda ao palco dos incansáveis organizadores professor Jorge Gonçalves e Donas Ilda Santos e Vania Giesteira Lima tributando calorosa ovação pelo seu esforço e visivelmente pelo justo apreço em que todas são tidos entre nós.

Aqui expressamos, também, o nosso aplauso que o é pela organização mas muito especialmente pelo ambiente de respeito e admiração que criaram neste meio e que os prestigia ao mesmo tempo que prestígio o ensino tão necessitado de quem se lhe dê inteiramente como os referidos professores.

Visado pela Censura

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Celebrações Henriquinas

Continuação da 1.ª página

plano do continente africano, foi desde logo obra de tanto merecimento e latitude para os respectivos habitantes, que eles só estarão aptos a avaliar quando a devida cultura lhes abrir os olhos à luz dos conhecimentos da verdadeira história universal, neste aspecto ainda tão injustamente defraudada.

As injustiças e os erros da história, com os vícios e as deformações que inculcam na consciência dos povos, podem dar origem a graves desvarios quando em vez de se lhes ensinar que nasceram para ser livres e civilizados como as nações que lhes deram o ser, se lhes insinua que foram conquistados à força e escravizados. Levou incomparavelmente muito mais tempo a chegar do Minho ao Algarve na dificultosa marcha da reconquista, que daqui aos últimos confins da Índia ou das mais dilatadas regiões da América na empreendida campanha da evangelização e civilização.

Que alívio e desafretamento não sentiram logo as nações da Europa, principalmente as debruçadas sobre o Mediterrâneo, sempre expostas à ameaça de que a África se despejasse neste velho continente. Até os mouros de Granada, último baluarte da sua dominação na Espanha, demandaram, quase sem constrangimento, a terra de seus longínquos avós. Por conseguinte, se o Génio Singular do imortal Navegador tivesse vindo ao Mundo séculos atrás, quantas guerras e morticínios se teriam evitado?

* * *

Hoje, que a humanidade nem sequer tem tempo de se refazer das guerras mundiais que tem suportado, compreende-se melhor ainda o valor e alcance da obra dos Descobrimientos, pelas iniciativas e pelos anseios de uma nova era de expansão; não já por terras ou mares ainda ignorados, mas pelas regiões espaciais com rumo aos mundos planetários.

Pela ordem lógica e natural dos acontecimentos, o triunfo da empresa pertencerá aos povos do Novo-Mundo, os últimos que receberam o facho ardente da civilização que os espiritualizou e aqueceu.

Que sossego, que desassombro para a Terra no dia que receba a grande notícia; só ela bastará para calmar tantos ânimos exaltados. Desgraçado mundo, se não se realizar esta prodigiosa aventura em que tem de se empenhar a sério, em vez de bater-se em carnificinas e deshumanidades. Está longe, porém, de dobrar o Cabo das Tormentas.

RECHÃ

Na margem direita da Estrada Nacional que serve a Zona de BRAGA — CHAVES e a poucos metros do Penêdo, encontra-se um pitoresco lugarejo que tem o nome de RECHÃ.

Quizeram os antigos que esse lugar pertencesse a uma freguesia que se avista cá ao fundo à beira cávado, que se chama «CANIÇADA». Como a distância é bastante elevada, e os caminhos que ligam as duas povoações são demasiadamente impróprios, passam-se dias semanas e meses que estes não desçam à freguesia a que pertencem!

Ao Domingo procuram a Santa missa noutras freguesias que embora não sejam mais próximas apresentam caminhos mais próprios e com menos dechives.

Ora, nós não os culpamos, porque na verdade existem justificadíssimas inconveniências! Mas não queremos que eles se esqueçam que vão de Caniçada...

Foi ali que receberam o Santíssimo Sacramento do Batismo, e quando nesse

momento, a porta da nossa Igreja se abriu pela primeira vez para receber mais um filho; ficou ali o seu lugar marcado, portanto lembro a todos os Caniçadenses da Rechã:

Se realmente as circunstâncias da vida vos não permitem deslocar ali, nunca vos esqueçais pelo menos que sois de Caniçada; colaborai conosco sempre que vos seja solicitado, interessai-vos pelos problemas de Caniçada, o que aliás sempre tendes feito.

Nunca esqueçais esta verdade:

RECHÃ é de CANIÇADA e CANIÇADA é da RECHÃ. Duas para todos e todos por duas.

E não esqueçais ainda que um dia virá, em que tereis ali a vossa residência fixa, é ali que ficaremos a partir desse dia unidos para sempre.

Por isso sejamos já unidos em vida, e lutemos afincadamente no engrandecimento da nossa terra para bem de todos nós.

Tancos, José Silva



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO', SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Agência Funerária

DE MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em COUCIEIRO—VILA VERDE

MELHOR E MAIS BARATO Só na Casa MÓVEIS ALVES

Mobílias completas e avulsas, estilos antigos e modernos, colchoaria de toda a espécie, carpetes, passadeiras, tapetes, etc.

ARMAZÉM GERAL:

RUA DOS CHAOS, 136 — BRAGA

FILIAL, EM FEIRA NOVA — AMARES

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 64

(CONTINUAÇÃO)

Também aquele Mestre da Ordem de Cristo se havia pronunciado por Castela, pois, se ele era sobrinho de D. Leonor Teles, primo co-irmão da rainha D. Beatriz sua filha por quem o castelhano quis fazer valer os seus direitos?

Da numerosa parentela que D. Leonor tinha espalhada pelo reino, e que, após o casamento com el-rei D. Fernando; havia alçado nos melhores postos de comando, a começar pelo pai e pelo tio, João Afonso Telo, conde de Barcelos, o chefe da nobreza que morreu deshonradamente em Aljubarrota; aos primos e sobrinhos, a preocupação de tê-los todos por ela para o que desse e viesse; abatendo e procurando desembaraçar-se de estorvos que, a seu ver, lhe não permitissem continuar até ao fim no caminho da sua inesperada ascensão, influência e grandeza, esta foi a preocupação dominante em todos os actos da sua vida, nem que para reinar fosse preciso cometer os maiores atropelos. Nisto teve dois grandes comparsas, os filhos de D. Inês, de Castro, infantes D. João e D. Dinis, embriagados pelo mesmo sonho de reinar; mas o demo pagou bem aos que o serviram: ela, presa e levada para Castela onde foi encerrada, expiou na «Torre de filhas» as suas culpas; eles tiveram quase idênticos destinos. Mais que em qualquer outro passo da história, a Providência mostrou quão grande é o Seu poder, chamando ao supremo poder da realeza, e para fins tão gloriosos, o mais modesto e desprezencioso dos filhos de Pedro I.

Não foi, no entanto, este D. Lopo Dias de Sousa tão contremaz em sua resistência ao Mestre e Defensor do Reino, que, antes da Batalha, já ele era substituído e preso em Santarém; conseguida a rendição de Tomar, sede da Ordem, foi pouco depois reconduzido no seu mestrado e, mais ainda, investido no cargo de mordomo-mór da rainha D. Filipa de Lencastre.

O mais teimoso foi aquele supradito Gonçalo Vasques de Azevedo que, manobrado por uma tal Inês Afonso, cuscubilha da rainha Leonor Teles, a qual Fernão Lopes lhe dá como mulher, mas deve ter sido manceba, pois a verdadeira mulher foi D. Berengueria Vasques da Cunha; esquecido das mesmas consequências da sorte que o esperou quando foi preso com o Mestre de Avis por inconfidência da Inês Afonso, e os dois condenados à morte «por azo da rainha que mandou fazer um aivará falso que parecia assinado por mão de el-rei, no qual mandava àquele cavaleiro que os tinha em seu poder que tanto que o visse, sem mais defença, os fizesse logo degolar...» entrou depois nos primeiros planos da morte do Andeiro (que não foi dessa por tomar caminho diferente dos que lhe iam ao encontro) e mas era muito seu amigo «segundo mostrança de fora» (Crónica de D. João I, cap. VIII).

Pois, mesmo assim, recebeu D. Leonor, quando, depois da morte do Andeiro, se passou de Lisboa a Alenquer e daí lhe pediu asilo em Santarém, onde era alcaide-mór; daqui foi a receber o rei castelhano na sua primeira visita a Portugal e ofereceu-lhe os seus serviços. Ele e João Gomes de Abreu (filho de Vasco Gomes) que também morava em Santarém e era casado com outra filha do mestre de Cristo, Inês Dias de Sousa, estiveram presentes no acto da escritura da constrangida renúncia de D. Leonor Teles a favor da filha e do genro, rei de Castela, que receberam em suas pousadas na mesma vila, embora com umas primeiras repugnâncias, faça-se-lhes, em boa verdade, esta justiça. E, tentando D. João I de Castela começar daí a assoldadar cavaleiros portugueses, nem sequer a boa lição que lhe deram os habitantes de Santarém lhes serviu, quando, apesar de homens de armas às suas ordens, se recusaram a aceitar o soldo que o rei extranho lhes mandava distribuir:

Nuno Alvares, o futuro e santo Condestável, veio de Tomar a Torres-Novas, de que Gonçalo Vasques de Azevedo igualmente era alcaide, para falar e tentar reduzi-lo a passar para o Mestre. Respondeu-lhe com indecisão, pelas poucas possibilidades de êxito que via assistir-lhe. Resolveu-se, entretanto o filho, Alvaro Gonçalves enquanto o pai se mantinha hesitante, «a fazer um bom jogo (cap. 155) não determinando qual porte teria até ver o fim de tamanho negócio». Também o filho não tardou a fugir de novo para os castelhanos.

A maior relutância de Gonçalo Vasques de Azevedo foi no entregar ou não Santarém ao castelhano; mas a dita Inês Afonso, de acordo com o usurpador, preparou-lhe

(Continua no próximo número)

Notícias do Gerês

Motonautica

Realiza-se no próximo domingo dia 3 de Julho o 1.º campeonato de Portugal de motonautica na barragem de Caniçada, que terá lugar pelas 16 horas, onde será disputado o trofeu em ouro e vários prémios 1.º centenário da Cidade de Setúbal.

Será muito concorrida e grande o entusiasmo.

Mocidade Portuguesa

No passado dia 25 uma excursão da Mocidade Portuguesa composta de vários rapazes e seus dirigentes, em luxuosa camionete visitaram estas termas tendo acampado junto dos viveiros de Videiro, onde pernoitaram. No dia seguinte tiveram exercícios e missa campal no local celebrada por um P.º aquista das termas e da parte de tarde retiraram-se cheios de entusiasmo.

Gerês 27-6-60 C.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Visado pela Censura

«RECHÃ»

Lá de cima do Outeiro,
Espreitas como envergonhadal
Esquecida de que és.
Um torrão de Caniçada!

Teu povo um pouco esquecido,
Mantem-se de nós ausentel
Parece mostrar desejos,
De tornar-se independentel

Nós não queremos, vós sois nossos.
Vossa Rechã consagrada,
Fáz parte deste conjunto,
Cujo nome é Caniçada.

Trabalhemos em comum
No seu engrandecimento
Somos irmãos, filhos dela
Marquemos nosso talento.

Pois hoje um pouco distantes,
Nunca deveis esquecer,
Que nela estareis para sempre
Um dia, quando morrer!

Tancos, José Silva

A verdade acerca da viagem

de CABRAL AO BRASIL

(Continuação da 1.ª página)

até ao Brasil como um plano simplesmente pré-estabelecido.

Gaspar Correia e Castanheira, historiadores dos séculos XV e XVI, não modificaram verdadeiramente a realidade histórica, mas pretenderam apresentar uma tempestade, como causa básica da descoberta do «Porto Seguro».

Esta tese, por eles defendida, foi enriquecida pelas afirmações favoráveis do seu contemporâneo António Galvão, na sua obra «Tratado dos Descobrimientos», em que diz: «E tendo uma nau perdida, em sua busca perdeu a derrota; e indo fora desta toparam sinais de terra, por onde o capitão mór foi em sua busca tantos dias, que os da armada lhe requereram que deixasse aquela porfia; mas ao outro dia viram Costa do Brasil».

Isto demonstra clara e evidentemente, qual a ideia que imperava no conhecimento dos historiadores quinhentistas e seiscentistas, no que diz respeito à descoberta da Costa Brasileira.

Também Faria e Sousa aprovou esta opinião. Este, porém, não só consignou a já propalada tempestade frente ao Cabo Verde, como também procurou insuflar na já tão duvidosa epopeia, mais um pouco de mistério, noticiando que contribuíram para o descobrimento, uma série de intempéries ao longo do percurso.

As páginas da história foram-se sobrepondo, às gerações sucederam gerações, uns morriam, outros despontavam para a vida, mas a semente lançada pelos escritores de

há cinco séculos, enraizou-se e frutificou-se com vigor.

Ainda no século XVIII, o historiador Sebastião da Rocha Pita, vinca a ideia do descobrimento eventual do Brasil na sua obra «História da América Portuguesa».

Porém, dentre a pesada neblina de incerteza que pairava sobre a ciência dos cultos, raiou um facho de luz, réstea esta, que partiu do tão célebre historiador brasileiro, Norberto de Sousa e Silva.

Este homem, baseado em profundos estudos, retirou as ideias de Pero Vaz de Caminha da quase impenetrável muralha do esquecimento.

Novo e belo caminho estava aberto. Abriu-se uma brecha nos dogmas, que até então reinavam sobre o problema da descoberta do Sul da América.

Trinta e oito anos depois da afirmação de Norberto da Silva, aparece o mais célebre comentador da nova e revolucionária opinião — Baldaque da Silva.

Este historiador dividiu a sua obra numa «demonstração negativa» (pretende demonstrar que o desvio da nau não pode atribuir-se «à acção forçada e insuperável do meio em que navegavam», nem a qualquer «erro cometido na navegação») e numa «demonstração positiva» (pretende demonstrar, por diversos e conhecidos factos que a descoberta do Porto Seguro foi fruto de um projecto meramente pré-meditado)

No desenvolvimento da primeira parte esclarece:

a) as condições náuticas, não explicam nem admitem tal intempérie.

b) A nau, não podia ter sido arrastada por qualquer corrente marítima, porque a grande corrente do Atlântico caminha numa direcção diversa da pseudo-rota tomada por Cabral. Por outro lado, a corrente costeira, não só tem uma influência insignificante, mas também só assinala a sua presença tão próximo da costa, que a existência desta já não seria desconhecida.

c) Era motivo de admiração o cometimento de qualquer erro grave, pela competência dos pilotos e cosmógrafos.

No desenvolvimento da segunda diz:

a) Pedro Álvares Cabral, seguindo o exemplo de Vasco da Gama, navegou vantajosamente ao largo da costa africana.

b) É natural que a expedição se tenha realizado no mesmo intuito de confirmar a existência de terras ao ocidente das quais os mareantes tinham pleno conhecimento.

TRIBUNA DE PRADO

O passeio da Congregação de N. Senhora do Alívio

De tantos e tão saudosos passeios que esta Congregação tem realizado, este último teve o condão de calar bem fundo na alma de todos os Congregados, já pelo grande número de membros desta Associação que no Monte de Santa Helena reuniu, já porque neste grupo de ridentes rapazes, seguia como Director o Rev.º P. e Roberto Sequeira, o dinâmico fundador desta Obra que viceja ante os olhares de Nossa Senhora do Alívio, e de ano para ano aumenta em número e em simpatia e se vem tornando conhecida em quase todo o órbe Minhoto.

Eram pois oito horas da manhã do dia 19 do risinho mês de Junho, quando de Prado local da concentração, partiam rumo ao Monte de Santa Helena, acompanhados do Rev.º Director e dos Irmãos Branco Duarte, Benedito, Ribeiro, Pereira Rodrigues e Amadeu Pinto, incansáveis colaboradores da obra da Congregação, estes rapazes cuja alegria cheia de pureza cristã ia estampada nos seus rostos.

Sacas às costas, cantando e rindo, enquanto à distância seguia o Director que, em plena escalada, ia lavando com a pura água da Penitência aquelas almas ávidas de pureza que ordenadamente, se iam abeirando do Ministro de Cristo.

Eram 9,30, quando a Congregação de Nossa Senhora do Alívio chegava ao cimo do Monte de Santa Helena, um dos mais belos cenários minhotos, onde a Natureza, em tonalidades diversas, rende culto ao Senhor, e donde se

disfrutava a mais encantadora das vistas, até onde olhos humanos alcançam.

A Missa, que principiara às 10 horas, associaram-se, além de todos os congregados, elevado número de pessoas da redondeza.

No momento da Comunhão, todos os congregados se abeiraram da Sagrada Mesa, entre cânticos que enchiam o pequenino Templo, entoados pelo Grupo Coral da Congregação, que havia acompanhado os vários pontos da Santa Missa.

Findo este Acto, todos se dirigiram ao local do acampamento, onde montada a cozinha, se principiou a trabalhar, enquanto se seguia uma curta lição de ginástica, seguida de um longo passeio pelo Monte do Castelo.

Era meio-dia, de regresso ao acampamento, agora para o almoço, pois já soara a campainha.

Após 1,5 horas de repouso, seguiram-se os jogos do Loto, com atribuição de prémios aos Congregados, e mesmo a várias Famílias, que de carro e a pé, do Prado e outras Freguesias, movidas pela simpatia que votam a esta Congregação, ali se haviam deslocado da parte de tarde, de visita ao Acampamento, vestindo assim aquele solitário monte e a esquecida Capelinha, galas de festa.

Realizou-se em seguida a reunião da Congregação em pleno Monte, finda a qual os Congregados e o povo se dirigiram de novo à Capelinha, onde foi recitado o Santo Terço, entre cânticos ao Senhor e à Virgem.

A pedido do Senhor Abade

da Lage, foi benzido finalmente o Cruzeiro novo, do Monte, pelo Rev.º Roberto Sequeira.

E a tarde deste dia ficará memorável na história da Congregação, monte abaixo, desce agora a caravana cantando e soltando vivas de alegria.

Neste mesmo dia, realizaram também o seu passeio os Confrades Vicentinos desta Vila acompanhados do Rev.º P. e António Ferreira Peixoto, e os meninos da Pré-Joc, acompanhados pela sua responsável.

Os primeiros visitando a Quinta do Carrão em Freiriz, propriedade pertencente ao confrade Sr. Patricio G. Ferraz, os segundos também de visita ao Monte de Santa Helena.

Meses de Maria e de Jesus

Decorreram com numerosa afluência de devotos, os exercícios dos meses de Maio e Junho, dedicados aos Corações de Maria e de Jesus, na Capela de S. Tiago de Francelos.

Graças ao Seminário da Torre, que sempre pronto a levar o bem às almas encaminhando-as para Deus, ali enviou diariamente dois Irmãos, que sempre acompanharam estes exercícios de pregação diárias, que muito edificaram o devoto povo de Prado-Norte.

Que Deus continue a derramar as suas Graças sobre este Seminário, que tanto bem tem espalhado nesta região.

Muito grato lhe está o Povo de Prado, em especial pelo paternal e religioso ca-

Inauguração do Patronato de Santa Teresinha - Porto

Realizou-se no passado domingo dia 26-6-960, a Inauguração do Patronato de Santa Teresinha do Menino Jesus, da freguesia do S.S. Sacramento, á qual assistiram as seguintes individualidades: Sr. Dr. Henrique Martins de Carvalho, Ilustre Ministro da Saúde e Assistência; D. Florentino de Andrade e Silva, administrador apostólico da diocese; governador civil do distrito; professor Dr. Antão de Almeida Garret que representava o Snr. Ministro das Obras Públicas; Dr. Frazão Nazaré, vice-presidente da Câmara Municipal; brigadeiro Maria de Almeida; 2.º Comandante da 1.ª Região Militar; professores drs. Amandio Tavares e Fernando Magano, reitor e vice-reitor da Universidade do Porto; os deputados drs. Urgel Horta e Antão Santos da Cunha e eng.º Brito e Cunha; D. Maria José de Novais, vereadora da Câmara; eng.º Sá e Nulo, director-geral dos serviços de Urbá-

rinho que os Padres desta Congregação Jesuíta dedicam a esta Terra de Santa Maria.

Futebol

A equipa de Futebol da Congregação de N. S. do Alívio, encerrou a época deste ano com o encontro realizado no passado dia 12 do corrente no Campo «Sousa Lima» em Prado, tendo derrotado «Os Estrelas F. Clube, de Braga, que derrotou pela margem de 9-1.

Gota d'Orvalho.

nização; eng.º Mário do Carmo Pacheco, presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de letras do Porto; Russel de Sousa, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, rev.º Dr. António Rocha Soares, reitor do Seminário de Vilar, prof. dr. Lopes Rodrigues da A.T.M.P., Dr. Domingos Braga da Cruz, provedor da Santa Casa da Misericórdia; prof. Dr. Hernani Cidade, diversas entidades paroquiais e muitas religiosas.

Após a chegada foi hasteada a Bandeira Nacional, e no ar estrelava foguetes seguindo-se a bênção do cruzeiro, comemorativo da Inauguração e respectivamente da capela.

Foi celebrada missa na capela do Patronato às 11 horas, celebrada pelo prelado, sendo a alocução feita pelo mesmo.

Abrir a sessão falou o Sr. Dr. Carlos Costa Henriques, em nome dos paroquianos da freguesia, em seguida falou o pároco da freguesia, Monseñor António Augusto Fonseca Soares, agradecendo a todos que contribuíram para a grandiosa obra, para bem de todas as criancinhas da freguesia.

Encerrou a sessão o Sr. Dr. Henrique Martins de Carvalho. A lotação comporta 250 crianças, sendo portanto enormes os sacrificios para a sua subsistência.

À noite realizou-se o jantar de confraternização ao qual assistiu, o Snr. João Manuel Costa e Silva.

C.

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

* * *

E agora, por mostrar como deste altíssimo tronco dos Machados, que se levantou lá dos fundos da pré-nacionalidade e sempre se acompanhou; partindo dos muitos nós que são os pontos de ligação de outras tantas gerações em que se foi desdobrando, sucederam-se muitas ramificações, entrecruzaram-se muitos títulos e apelidos de famílias (que deixaram para trás os Machados) e já hoje os seus descendentes terão dificuldade de descobrir onde tiveram sua origem; vai um ramo desta mesma árvore genealógica desenvolver-se a poder de elementos que coordenou e me facultou o meu ilustre amigo Dr. Carlos Lobo de Oliveira, escritor, alto funcionário, e o que mais é, patriota de apurado sentimento, o qual tanto se orgulha de entroncar nela seus avós como simultaneamente a ilustra e dignifica.

Tem princípio no primeiro donatário de Entre-Homem e Cávado, mas logo se desvia, sucedendo-se aos Machados outros apelidos.

1— Pedro Machado, a quem D. Afonso V deu por mercê a Quinta de Castro, etc. Filho de Vasco Machado, alcaide-mór de Chaves e de Ervededo; neto de Gonçalo Machado, alcaide-mór de Lanhoso por mercê de el-rei D. Fernando, de 1372; senhor da torre de Gerás e Honra de Pinho, que era casado com D. Leonor Rodrigues de Magalhães, filha de António Rodrigues de Magalhães, snr. do castelo de Nóbrega (Note-se que atrás deu-se casado com D. Mór Mendes de Vasconcelos, segundo Montebelo). Foi Pedro Machado da Casa de D. Afonso V e esteve na batalha de Alfarrobeira contra o Infante D. Pedro. Casou com D. Inês de Gois, filha herdeira de Pedro de Gois, comendador de Vera Cruz na Ordem de Malta, snr. da Lousã; e de D. Margarida Cabral.

Deste casamento houve:

- 2— Francisco Machado que segue
- 2— Pedro Machado, morto em Tânger em 1437.
- 2— Fernão Machado
- 2— Simão de Gois, que instituiu o morgado de Olivais
- 2— Diogo Machado

2— Francisco Machado, 2.º donatário; trocou com D. Jorge duque de Coimbra, os Senhorios da Lousã, Vilarinho e Pedregal pela comenda de Sousel na Ordem de S. Bento de Avis. Casou em Évora a 4-4-1474, segundo Manso de Lima, com D. Joana de Azevedo, filha de João Peixoto e de D. Briolanja de Azevedo (Talvez por recordação desta se deu o mesmo nome à que foi mulher do insigne poeta).

João Peixoto, snr. de Penafiel e da honra de Canelas, esteve também na batalha de Alfarrobeira com D. Afonso V; era filho de Diogo Peixoto; neto de Diogo Gil Peixoto; bisneto de Gonçalo Anes Peixoto.

D. Briolanja de Azevedo teve um irmão, Gonçalo Coelho, snr. de Felgueiras e Vieira, alcaide-mór de Tânger (Era descendente do tristemente célebre Pero Coelho). Era filha de Martim Coelho, da casa de Sergudo, e de D. Joana de Azevedo, neta pelo lado paterno de Fernão Coelho e de Catarina de Freitas; pelo lado materno, de Lopo Dias de Azevedo que foi snr. da casa de Castro, padroeiro de Carrazedo e de D. Joana Gomes da Silva, filha de Gonçalo Gomes da Silva, snr. de Vagos e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Coutinho; bisneta de Gonçalo Gois Coelho e da 1.ª mulher Maria Maior da Silva (esta filha de Aires Gomes da Silva que foi aio de el-rei D. Fernando e alcaide-mór de Guimarães; aquele Gonçalo Pais Coelho, filho do Pero Coelho que fugiu para Castela pela parte que teve na morte de D. Inês de Castro; e de Aldonça Vasques Pereira); bisneta também de Diogo Gonçalves de Castro (de Carrazedo) Aldonça Coelho.

(CONTINUA)